ENSAIO ACERCA DO ENTENDOMENTO HUMANO



Francisco Benedito de Albuquerque

**Resumo:**

 O que distingue o Homem dos demais animais, além de outras definições é a capacidade do mesmo de conhecer, com isso segundo Locke, a maneira como o Homem tem o conhecimento das coisas não esta relacionada a certos princípios inatos. Segundo ele, a mente do Homem é como se fosse uma tabula rasa, e na medida em que o mesmo experiência o mundo é que se conhece a natureza das coisas. Locke não duvida que o Homem tenha uma grande capacidade de conhecer e que é de sua natureza buscá-lo, mas o mesmo só poderá ser encontrado na mente do homem à medida que ele coexiste. Para Locke, não existe princípios universais no qual todos os Homens concordam e por isso sejam inatos. Diante disso podemos ainda encontrar os argumentos de Leibniz que se contrapõe aos argumentos de Locke, e afirma que em nossa mente existem princípios que se originam por sua própria essência, e que por isso encontramos na mesma idéias inatas. Leibniz deste modo despreza o uso dos sentidos na origem de alguns conhecimentos, pois eles apenas fazem com que a nossa mente lembre-se de algo que já se encontra nela. A nossa alma então é capaz de conhecer estas idéias e descobri-las em nós mesmas. Por tudo isso, afirma ainda Leibniz que as verdades necessárias existem em nós e são inatas e por esta razão são inquestionáveis.

Palavras Chaves:

Homem – Conhecimento – Mente- Experiência – Inato.

1. Introdução:

 Como poderá dar-se o ato de conhecer? Nascemos com a alma pura ou já existem algumas idéias impressas na mesma que não provem dos sentidos deste modo inatas? São questionamentos desta natureza que levou Locke e Leibniz a desenvolverem uma série de discussões a qual o primeiro afirmará que, não existem princípios por se mesmo na mente humana, e que sendo assim só poderemos conhecer a natureza das coisas através da experiência. Locke então despreza qualquer opinião que não esteja voltada para a empiria. Afirma ainda que, o ato de conhecer poderá até ser inato no espírito humano, mas o conhecimento este só se manifesta através da relação do homem como o mundo.

 Por outro lado, Leibniz afirma que em nossa mente podemos encontra idéias que se originam por sua própria natureza, e que já estando impressas em nossa alma não necessitam de esforço para apreendê-las. Com isso, em nossa mente podemos encontrar as verdades necessárias para que possamos compreender o sentido das coisas. Essas verdades, por sua vez para Leibniz, são inquestionáveis, já que se originam por si mesmas, diferentemente das verdades impressas no Homem pela experiência, pois estas podem levantar conclusões falsas a cerca da natureza das coisas.

A ORIGEM DO CONHECIMENTO HUMANO

1. Nem os princípios nem as idéias são inatos. (Locke)

 Afirma Locke que o conhecimento não se encontra na mente dos Homens e que desta maneira o mesmo não seria inato, conseqüentemente ele se desenvolveria a partir de um ponto de vista integracionista. Sendo assim, o homem só poderia adquirir as idéias alcançadas pela experiência.

 Para justificar o que foi esclarecido, Locke estabelece uma série de argumentos à cera da negação dos princípios inatos.

 Se as verdades são inatas, então já nascemos com essas impressões, isso para Locke não é aceito, pois essas verdades não são percebidas ou entendidas, “como pode algo existir na mente sem que ela seja percebida”? Com isso podemos afirmar que essas idéias não existem já que não podem ser percebidas e conseqüentemente conhecidas.

 Tudo o que existe em nossa mente, é conhecido porque se encontra em nossa consciência, deste modo afirmar que algo está na mente e que a desconhecemos é a mesma coisa para Locke, concluir que elas não existem.

 Nós não podemos negar que a mente humana tem uma capacidade ilimitada ao conhecimento, desta maneira nós já nascemos com essa habilidade, no entanto quando falamos de verdade, conhecimento, isso nos é adquirido. O entendimento então é justificado segundo Locke, pela interação do individuo com as coisas existentes, e conseqüentemente nega qualquer forma de inatismo.

 Muitos foram os Homens que chegaram ao conhecimento pelo uso da razão. Desta maneira o uso da mesma os guiou para se chegar a tais princípios. Basta lembrar-mos alguns filósofos ou teólogos da Idade Média, poderei citar aqui Santo Anselmo, que afirma acreditar em Deus e que usa a sua razão-crítica para compreendê-lo, desta maneira, o conhecimento de Deus em Anselmo não era inato, pois ele utilizou o exercício da razão no auxilio ao seu conhecimento de Deus.

 Se a razão é quem descobre o caráter do conhecimento, Locke vai afirmar que eles não são inatos, pois eles provêm da análise racional, e desta maneira poder aplicá-lo de forma correta.

 Se a razão apenas revela aquilo que o homem já conhecia, deste modo os Homens ao mesmo tempo possuem este conhecimento e não os possuem, permanecendo na ignorância até que as luzes da razão os revelem. Afirma por tudo isso que a máxima do conhecimento se da pelo auxilio da razão. Deste modo podemos pensar que logo quando as crianças obtêm o uso da é que elas começam a conhecer as coisas que o cercam, deste modo as crianças não nascem com idéias inatas.

 A nossa mente a princípio se encontra vazia, e a medida que coagimos com o mundo é nós vamos preenchendo-a. Com isso para Locke, alcançamos o conhecimento na medida em que vamos absorvendo as idéias do meio, a mente então vai se completando, tornando-se enriquecida, e o uso da razão torna-se mais evidente nestas circunstâncias.

 Locke irá afirmar que embora essas idéias estejam ligadas ao uso da razão, ele não afirma que as mesmas sejam inatas. Até concorda que muitos conhecimentos aparecem bem cedo em nossa mente antes mesmo da razão, pois as crianças sabem distinguir desde cedo as idéias de doce e amargo, assim como saberá também depois que aprender a falar, mas isso não justifica se-las inatas.

 Outra justificativa de Locke é afirmar que as regras morais elas não são inatas, pois elas precisam justificar a sua razão de ser, caso essas idéias fossem inatas elas não iria ser preciso procurar por quais princípios sua verdade se justificaria, isso seria desnecessário, pois se justificaria por si mesma, característica de todo princípio inato. Ela trás consigo o seu próprio entendimento.

 Locke, ainda afirma que as regras morais é o fundamento de organização social, e afirma ainda que os Homens apresentem comportamentos opostos. Deste modo percebemos que toda sociedade apresenta ações comportamentais diferentes. Muitas nações rejeitam suas próprias leis, não pelo temor da vergonha, da crítica... Não é de si imaginar que os Homens rejeitam suas leis por saberem com certeza a natureza delas. Pois se elas forem inatas, isso não ocorreria por constituir naturalmente nas suas mentes.

 Do que ficou afirmado acima, podemos concluir que se as regras práticas de uma sociedade são violadas elas conseqüentemente não podem ser inatas, pois foram corrompidas. Somente podemos considerar que existem princípios inatos quando toda a humanidade admitir determinada idéia como verdadeira e aceito por todos, ou seja, universal.

 Se existem princípios inatos, por que algumas idéias são contraditórias? É verdade que muitas opiniões existem em uma determinada cultura não tem nenhum significado para outros grupos culturais. Deste modo os Homens se diferem no que seja o conhecimento. Não há uma universalização dos princípios, pois muitas verdades para um determinado grupo são aceitas e para outros são submetidas às dúvidas, com isso muitos princípios são questionados, afirmando assim que não há princípios universais.

 Por tudo o que foi dito, Locke afirma que todos os princípios devem ser examinados, pois poderão existir alguns que podem nos enganar.

 Locke ainda afirmará que, os nossos princípios serão inatos se somente as nossas idéias forem inatas. Se o contrário acontecesse, só seria possível se as nossas idéias fossem inatas. Locke afirma que se as mesmas não são inatas, seria preciso que existisse uma experienciação, um espaço em que a mente pudesse apreendê-la para que somente depois elas venham a existir em nossas mentes.

 Lembramos aqui de Platão, que afirmava em sua teoria das idéias a relação do mundo inteligível e a sua representação no mundo sensível, e que deste modo tudo o que o Homem cria no mundo sensível já existe como idéia. Deste modo para Platão as idéias são inatas, o Homem apenas lembra-se delas e representa no mundo sensível.

 Levando ainda em consideração as crianças, Locke vai dizer que as idéias chegam a suas mentes pela própria experiência das observações das coisas que entra em contato, e que desta maneira ele pode constatar que não há idéias originais impressas na mente.

 Locke inda descreve que se as idéias são inatas elas estão na mente e nós a recordamos, isto é devem ser reconhecidas, e si nós não há recordamos, significa que determinadas idéias nunca foi percebida pela mente, e com isso ela nunca esteve lá. Sempre que há uma idéia nova em nossa mente, esta aparece desconhecida até então ao entendimento. Ante de qualquer idéia ser recordada pela consciência, nós não podemos afirmar que ela esteja em nossa mente.

 Locke esclarece que, quando os Homens afirmaram princípios que não podiam questioná-los, eles concluíam que eram inatos. Deste modo atrofiaram-se, questionava-se qualquer tipo de investigação que se contrariava as idéias inatas, afirmando que os princípios não devem ser questionados. Com isso foram criados adeptos desta manifestação sem nenhuma discussão que provasse o contrário, e levando-as a acreditar e confiar nelas.

 Levando em consideração o que foi dito, Locke irá afirmar que todos os princípios deverão ser questionados, para que possa provar a falsidade ou improbabilidade de determinada doutrina, e principalmente duvidar dos princípios inatos.

1. As noções inatas. (Leibniz)

 Apresentam-se em forma de diálogo em que, Filaleto afirmará que não existem opiniões inatas e Teófilo irá refutá-lo afirmando que os princípios inatos não podem não existir.

 Ao longo da discussão percebemos a persistência de Teófilo ao afirmar que existem idéias inatas que nos vem dos sentidos. Muitos pensamentos e ações vêm do fundo de nossa alma e não tem ligação com os sentidos. Afirmará ainda, que os sentidos servirão apenas para percebermos as coisas que já se encontram em nós.

 Diante disso, será impossível que nós possamos adquirir todo o conhecimento sem necessidade das impressões inatas. Nós já possuímos em nossa alma as verdades necessárias para o entendimento das coisas.

 Filaleto afirmará que seria muito bom que existissem princípios em que todos os Homens unânimes, mas o mesmo irá afirmar que está unanimidade não existe.

 Teófilo irá apresentar um exemplo confirmando que o conhecimento é inato: “viu-se uma criança, nascida surda e muda, mostrar veneração a lua cheia.” Deste modo Teófilo chega a seguinte conclusão que o conhecimento das coisas externa desperta aquilo que já esta em nós. Por tudo, embora a criança nunca obteve o conhecimento do que seria a lua através do seus sentidos, essa idéia já estaria em sua alma, justificando que o conhecimento é inato.

 Teófilo ainda irá afirmar que, poderá existir conhecimento em nossa alma e mesmo assim nós não percebemos. Com isso Filaleto irá se contrapor, dizendo que é impossível que existem verdades na alma e ao mesmo tempo essa não percebe tais verdades. Teófilo justificará que a memória conserva e coloca-as diante de nós quando necessário.

 Existem então idéias puras impressas na alma. Deste modo, não há como o Homem se enganar com as falsas verdades que os sentidos nos apresentam. Na alma estão as verdades necessárias que não são apreendidas pela experiência ou pela tradição.

 O espírito então além de conhecer as idéias pode descobri-las em si mesmo, diante disso, podemos dizer que ele é a fonte das verdades necessárias e inquestionáveis, e que as verdades que são identificadas pela experiência podem nos enganar, porque não são essenciais ao Homem.

 A origem do conhecimento vem do entendimento, no entanto, o conhecimento que chega até nós pela experiência ou pelos sentidos podem até afirmar essas verdades, mas não a certeza inquestionáveis delas. Somente as verdades inatas são inquestionáveis, pois se originam no ser do Homem e lhes é dado sem nenhum esforço.

 Filaleto identifica que toda idéia se origina dos sentidos. Teófilo afirmará mais uma vez que: “a fonte das verdades necessárias, não procedem dos sentidos. Existem verdades que são devidas da reflexão do espírito quando este reflete sobre si mesmo.” É como se fosse uma luz natural, e que nasce da alma humana e que sendo assim não há necessidade de buscá-la fora do espírito.

 Teófilo não aceita a afirmação de que tudo que aprendemos não é inato. Pois existem noções do entendimento do Homem que fazem parte de seu próprio espírito.

 Filaleto Confirmará que reconhece que a natureza do Homem é buscar ser feliz e se afastar da infelicidade, deste modo considera que isto é princípios inatos. Isso é fundamentado segundo ele por uma inclinação da alma para o bem e não de impressões que já estejam gravadas no nosso entendimento. Com isso, Teófilo irá relatar que Filaleto acabou de afirmar que reconheceu os princípios inatos. Mas o que Filaleto quer concluir é se há outros princípios inatos assim como a felicidade e o temor da infelicidade.

 Filaleto então busca uma demonstração em relação às normas de moral e que afirma que elas não são inatas, ou seja, elas nascem do convívio, das experiências. Mas Teófilo irá acrescentar que por isso não deixará de ser inata, pois existem verdades em nós que pode se expressar de duas maneiras, pela luz e pelo instinto, assim expressamos os nossos atos de humanidade por instinto porque isto nos agrada, deste modo estas verdades estão em nós e são inatas.

 Teófilo segue sua discussão considerando que os costumes, a cultura, a educação, a tradição, a própria razão, pode despertar o conhecimento por via dos sentidos, mas contudo isso a natureza humana não deixa de ter participação.

 Os princípios inatos e justos devem ser conhecidos por todas as pessoas, afirma Filaleto. Teófilo concorda, mas Filaleto então irá indagar, por que as pessoas violam as leis que por sinal são inatas? Teófilo afirmará que isso acontece porque certas pessoas não lembram bem tais princípios gravados em suas almas, pois o que é inato nem sempre é reconhecido e lembrado pelo Homem, justamente porque elas precisam de muita atenção para se esclarecer.

 Filaleto então quer saber se os princípios inatos podem ou não ser apagados do espírito de Homem, quando este é submetido à educação, cultura... Teófilo irá esclarecer que as idéias verdadeiras jamais podem ser apagadas, no entanto o que pode acontecer com elas é ficarem esquecidas por inclinação da alma a outras necessidades.

 Filaleto afirma a respeito das idéias inata, que a suposta transmissão destas idéias pode transmitir preconceitos e estagnarem a capacidade do homem de investigação da natureza das coisas, tirando assim concussões falsas. Conclui Teófilo que concorda, no entanto os inatistas estão longe de aprovar princípios duvidosos.

 Teófilo já afirmou que as impressões naturais, muitas vezes não estão disponíveis em nossa mente, pois exige um esforço para que possamos lembrá-las.

 Para Teófilo, a idéia do ser é inata, porque é necessário e essencial ao nosso espírito. Filaleto então afirmará que os ateus não têm a idéia de Deus como inata, sem falar algumas nações que não tinham nenhuma idéia de Deus. Então Teófilo irá afirmar que a reflexão é suficiente para descobrir a idéia da substância. Afirmará ainda que, para o conhecimento se apresentar em nosso espírito não é necessário que tenhamos pensado nele atualmente.

1. Minhas considerações:

 A meu ver apesar do Homem ter um extinto ao conhecimento devemos ainda como fez como fez muitos filósofos qual é a origem do mesmo na mente humana.

 Contudo, concordo com Locke quando ele afirma que o conhecimento no homem é adquirido, por isso a mente humana de início é passiva de qualquer conhecimento.

 O Homem tem a capacidade de adquirir todo tipo de conhecimento, deste modo a sua mente esta apta a conhecer por natureza sem que esta já tenha o mesmo inato. Essa habilidade é que nos diferencia de outros animais.

 Por tudo isso, concordo com Locke quando ele afirma que não há princípios universais, princípios estes em que todos os Homens já têm em suas mentes. No entanto, o que percebemos é que os Homens apresentam ações diferentes, algumas sociedades apresentam regras e condutas bem contrarias uma das outras. Por isso seria impossível que uma nação de Homens devesse rejeitar o que cada um deles tenha naturalmente em suas mentes.

 Através dos princípios inatos todos os Homens deveriam se orientar e em determinadas circunstâncias terem as mesmas opiniões e, se uma determinada lei ou princípios são violados estas por sua vez não devem ser inatas.

 Posso afirmar que a experiência do cotidiano, é quem nos proporciona o conhecimento, as idéias desta forma chegam a nós fornecida pela experiência e que desta maneira não existem características impressas em nossa mente por si mesma.

 Pelo que ficou esclarecido também posso afirmar assim côo Locke, que não existem idéias inatas o que sabemos é fruto de uma abstração do mundo que só adquirimos com a experiência.

1. Considerações finais:

 Vimos que tanto Locke quanto Leibniz argumentam sobre o conhecimento no Homem, no entanto ambos se divergem quando se fala da origem do mesmo na mente Humana.

 Do ponto de vista de Locke, o conhecimento esta relacionado com a experiência, deste modo o Homem conhece na medida em que ele explora o mundo e ai sua capacidade de conhecer aumenta.

 Para Leibniz, o conhecimento é inato, ou seja, existe por si próprio na mente do Homem, deste modo o mesmo não precisa se esforçar para conhecer as coisas, pois as mesmas já estão fixadas em sua mente, e os sentidos servem apenas para auxiliar na lembrança daquilo que já existe na mente.

 Por tudo o que ficou dito não podemos desprezar a necessidade que o Homem tem de conhecer, e que por mais que consideremos simples argumentar acerca do conhecimento sempre fica aquela pergunta “como é possível o Homem conhecer”? E foi através dela que estes filósofos (Locke e Leibniz) traçaram pontos importantes a cerca do conhecimento no Homem.

1. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

 *“Ensaio a cerca do entendimento humano.”* LOCKE, John, (1632 – 1704). Trad. Anoar Aiex. Col. Os pensadores. Livro I. São Paulo: Abril Cultura, 1978.

 *“Novos ensaios sobre o entendimento humano”* LEIBNIZ, Gotfried Wilhelm, (1646 – 1716). Trad. Luiz José Baraúna. Col. Os pensadores. Livro I. São Paulo: Abril Cultura, 1984.